

O hiato no português: a tese da conspiração

Marisandra Costa Rodrigues

Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ



RESUMO – Por que o hiato aparece na forma subjacente e é evitado na forma de superfície? Que forças estão em conflito? Existe alguma conspiração para que tal estrutura não emergja? De que maneira a Teoria da Otimalidade (OT) consegue dar conta dessa questão?

Os encontros vocálicos do português têm se tornado tema de muita discussão e, apesar disso, ainda existem muitas questões a serem discutidas como, por exemplo, as acima formuladas. Este trabalho não só busca esclarecer tais questões como também: a) aprofundar a análise de um dos processos que age contra a realização dos hiatos: inserção de glide (passar >> passeio; boa >> boua); e b) mostrar que tanto a inserção de glide como os demais processos envolvidos no desfazimento dos hiatos (crase, absorção de uma vogal por consoante de mesma natureza e o desenvolvimento de [ɲ]) estão em atividade desde o Português Arcaico. Quanto à análise otimalista propriamente dita, as seguintes conclusões são apresentadas: 1) a OT é apropriada para a análise proposta, uma vez que, com foco em outputs, consegue abordar de modo mais satisfatório os vários processos que têm em comum mesmo alvo: o desfazimento do hiato, o que possibilita mostrar que a língua vem conspirando contra tal estrutura; 2) com o passar do tempo, a produtividade dos hiatos muda e MARCAÇÃO domina FIDELIDADE; 3) no caso da inserção de glide, processo enfatizado neste artigo, os principais restritores atuantes são: ONSET, DEP-IO, WTS, OCP e HARMONY; 4) a hierarquia proposta para a primeira fase de formação da língua é diferente da hierarquia proposta para o português brasileiro atual.

Palavras-chave – input; output; Teoria da Otimalidade (OT); hiato.

ABSTRACT – Why does the hiatus appear in the underlying form and is it avoided in the surface form? What forces are in conflict? Is there a conspiracy so that such structure doesn't get on? How can the Optimality Theory (OT) account for this question?

The Portuguese's vocalic encounters have been theme of a lot of discussion and, in spite of that, there are a lot of subjects that still have to be discussed as, for instance, the above formulated. This work does not only clarify such subjects, as well as: a) it will be deepened in the analysis of one of the

processes which acts against the hiatuses' accomplishment: glide's insertion (passear >> passeio; boa >> boua); and b) it will show that, as much the glide's insertion, as the other processes involved in the dissolution of the hiatuses (crasis, absorption of a vowel for the same nature consonant and the development of [r̃]) act since the Archaic Portuguese.

In regard to the optimality analysis, the following conclusions will be presented: 1) OT is suitable for the proposed analysis, once, having focus in the output, it approaches in a more satisfactory way the several processes that have in common the same objective: the hiatus' dissolution, which makes possible to show that the language is conspiring against such structure; 2) as the time goes by, the hiatuses' productivity changes and MARKEDNESS dominates FAITHFULNESS; 3) in the case of the glide's insertion, the process emphasized in this article, the constraints are: ONSET, DEP-IO, WTS, OCP AND HARMONY; 4) the hierarchy proposed for the first phase of the language formation is different from the hierarchy proposed for the current Brazilian Portuguese.

Keywords – Input; output; Optimality Theory (OT); hiatus

Introdução

Os encontros vocálicos do português têm se tornado tema de diversos trabalhos recentes (cf. p. ex., OLIVEIRA, 2006; DAMULAKIS, 2005; GONÇALVES, 1997) e, apesar de tantas discussões sobre o assunto, ainda existem muitas questões a serem discutidas, como, por exemplo: por que o hiato aparece na forma subjacente e é evitado na forma de superfície? Que forças estão em conflito na língua? Existe alguma conspiração para que tal estrutura não emerja? Como a Teoria da Otimalidade (doravante OT) trata os processos de mudança e de variação? Como ocorreu a mudança, no caso dos hiatos desfeitos por epêntese, como em 'credo' >> 'creo' >> 'creio'? É possível dar conta dessa questão pela OT?

O presente estudo não só refletirá sobre tais questões como também fará o levantamento dos processos que, em princípio, agem para que os hiatos não se realizem, aprofundando-se na investigação de um deles (a inserção de glide, a exemplo do que ocorreu com 'fea' >> 'feia' e 'cea' >> 'ceia'). Esse levantamento será feito no sentido de esclarecer se esses processos agem ou não desde o português arcaico, procurando mostrar, desse modo, como ocorreu o processo de mudança na estrutura abordada.

1 Os processos que atuam no sentido de desfazer o hiato na língua portuguesa

Os principais processos que hoje atuam no sentido de impedir que os hiatos cheguem à superfície são: crase (zoológico >> zológico),

absorção de uma vogal por consoante de mesma natureza (colégio >> colejo), ditongação proveniente de [y] e [w] epentéticos antes da átona final (passear >> passeio; boa >> boua) e desenvolvimento de som palatal [ɲ] em fronteira de palavras (vem aqui >> venhaqui). O estudo de tais processos, em parte, estará voltado para um levantamento diacrônico, a fim de que, no desenvolver da investigação, seja possível fazer uma comparação e um paralelo que permitirá que saibamos se as forças que atuaram no português arcaico tiveram o mesmo papel que hoje apresentam no português atualmente falado no Brasil.

O estudo feito até o presente momento nos leva a alguns resultados. A primeira consideração importante é a confirmação de que os processos que desfazem a estrutura de hiato nos dias de hoje começaram a atuar ainda no português arcaico. Na primeira fase da história da língua portuguesa (final do séc. XII e início do séc. XIII, cf. COUTINHO, 1976), os hiatos eram bastante produtivos e foneticamente realizados. Segundo Teyssier, na obra traduzida por Celso Cunha em 2001, foi nesta fase que o número de hiatos do nosso idioma aumentou consideravelmente e, de acordo com esse autor, o aumento se deu principalmente devido aos seguintes processos: desnasalização (alienu > alheo), queda de consoantes intervocálicas (sedere > seer, credere > creer, malu > mão, mala > maa, solu- > sôo, colore > coor, diabolu > diaboo etc). Nessa fase, os hiatos se mantinham tanto em sílabas tônicas (alheo, etc) como em sílabas átonas (coorar [pretônica], diaboo [postônica]).

Segundo Huber (1933), é a partir do séc. XIII que os hiatos começam a ser desfeitos, principalmente no caso das vogais idênticas (leer >> ler, seer >> ser), que, na maior parte das vezes, sofrem crase. Assim, é a partir desse segundo momento que a tendência a desfazer hiatos começa a aparecer na língua portuguesa. Coutinho, entre outros, apresenta a utilização, já no português arcaico, dos mesmos quatro processos que hoje atuam.

Cabem, aqui, duas observações: a) quanto ao processo de desnasalização mencionado no parágrafo anterior, pode-se afirmar que tal fenômeno não deixa de apresentar a queda de uma consoante intervocálica, uma vez que a nasalização ocorreu devido à queda de uma nasal intervocálica; b) alguns autores apresentam divisões diferenciadas para a história da língua portuguesa, o que será apresentado na próxima seção.

2 As propostas de divisão histórica e a divisão considerada

Quanto às propostas de divisão histórica, Rosa Mattos e Silva (2001, p. 19) apresenta o seguinte quadro resumo:

QUADRO 1

Época	Leite de Vasconcelos	Silva Neto	Pilar V. Costa	Lindley Cintra
Até S. IX (882)	Pré-histórico	Pré-histórico	Pré-literário	Pré-literário
Até + OU – 1200 (1214 – 1216)	Proto-histórico	Proto-histórico	Pré-literário	Pré-literário
Até 1385/ 1420	Português arcaico	Trovadoresco	Galego-português	Português antigo
Até 1536/ 1550	Português arcaico	Português comum	Português pré-clássico	Português médio
Até S. XVIII	Português moderno	Português moderno	Português clássico	Português clássico
Até S. XIX/XX	Português moderno	Português moderno	Português moderno	Português moderno

Apesar de cientes das divisões propostas pelos autores acima, optamos por usar uma divisão simples, uma vez que, para o desenvolvimento da análise, as questões políticas e literárias envolvidas na maior parte dessas divisões não se mostram pertinentes:

QUADRO 2

1ª fase	Primeira fase de formação da língua (final do séc XII e início do séc. XIII) Para o estabelecimento desta fase estamos considerando a data de <i>A Cantiga da Ribeirinha</i> .
2ª fase	Segunda fase de formação da língua (a partir de meados do séc. XIII)
3ª fase	Português brasileiro atual

Para o estabelecimento da divisão acima, consideramos os três momentos pelos quais o hiato passou, de acordo com a nossa proposta. No primeiro momento, o hiato chega à superfície, no segundo, o encontro ora se realiza e ora é desfeito através de variados processos e, no terceiro, a mudança ocorre e o hiato, em alguns contextos, passa a ser sempre desfeito, não chegando assim à superfície. Mais adiante, na seção sobre variação e mudança na OT, abordaremos melhor essas fases.

3 Restrições que serão usadas e o papel de Fidelidade e de Marcação nos dois momentos da história da língua

Com base nas observações feitas até o momento, podemos chegar à outra conclusão: a hierarquia de restrições não poderá ser a mesma para todos os momentos da história da língua. De acordo com os primeiros dados, é possível observar que, na primeira fase de formação do nosso idioma, a restrição ONSET (a posição de ataque silábico deve ser preenchida; sílabas não podem começar por vogais) não era muito bem cotada na hierarquia, uma vez que os hiatos se mantinham, como se vê nos seguintes exemplos: **fea**, **cea** e **tea**.

Já a partir da segunda fase (séc. XIII em diante), a restrição parece ter o seu lugar alterado e passa a ocupar um posição mais alta no ranking, uma vez que os hiatos tendem a ser desfeitos principalmente através da ocupação da posição de onset (inserção de glide / ditongação). É bom observar que, neste trabalho, os glides estão sendo considerados como elementos marginais de sílaba e não como ramificação do núcleo (cf. BISOL, 2001).

A terceira conclusão alcançada diz respeito ao contexto no qual os hiatos não são desfeitos. Observando os dados, recolhidos a partir de gramáticas históricas (Ismael Coutinho (1976), Joseph Huber (1933), Dolores Garcia (1970), entre outras), documentos históricos (Testamento de Afonso II, Cantiga da Ribeirinha, Notícia de Torto etc) e entrevistas (neste último caso, para a atual sincronia da língua), por exemplo, é possível constatar que enquanto na primeira fase de formação da língua os hiatos se mantinham tanto nos contextos tônicos (**alheo**) como nos átonos (**coorar [pretônica]**, **diaboo [postônica]**), no português brasileiro atual o hiato tende a se manter apenas em contextos tônicos, desde que a vogal acentuada seja a segunda e a mesma seja uma vogal alta, como por exemplo, nos casos de 'saúde', 'baú' e 'saí', entre outros. Esses exemplos ainda nos mostram que, no contexto citado, os hiatos são mantidos tanto em nomes como em verbos e isso nos leva a perceber que o uso da epêntese se mostra visível em dados de interface morfologia-fonologia, a exemplo do que ocorre no paradigma verbal, quando verbos terminados em -ear, como 'passear', 'ratear' e 'saborear', são conjugados. Em determinadas situações, a concatenação morfológica pode levar à adjacência de vogais (passe + o, sabore + a, rate + a + mos) e, quando a forma verbal é rizotônica, ocorre epêntese sistemática de /i/ (passeio, saboreia).

Nos casos de inserção de glide, além de percebermos a forte militância de ONSET, que passa por uma promoção com o passar do tempo, algumas outras restrições também parecem estar em disputa no ranking. A restrição DEP-IO (todo elemento do output deve apre-

sentar um correspondente no input; não pode haver inserção do input para o output) parece ser violada, atualmente, na maior parte dos casos, pois apesar do hiato estar presente no input, o output que chega a superfície, em lugar do hiato, apresenta uma forma ditongada através da inserção do glide. Assim, podemos constatar que, se ONSET apresentou uma promoção com o passar do tempo, DEP-IO – que antes estava bem cotada, uma vez que o hiato chegava à superfície e, portanto, não ocorria a inserção do glide – passa por uma despromoção.

O conflito entre o que está na forma subjacente e o que chega à superfície é, na verdade, um conflito de restrições, principalmente ONSET e DEP-IO, que pode ser generalizado como uma concorrência entre MARCAÇÃO e FIDELIDADE. Os dados atuais revelam que na hierarquia de hoje MARCAÇÃO >> FIDELIDADE enquanto os dados da primeira fase de formação do português revelam FIDELIDADE >> MARCAÇÃO.

O restritor OCP (não podem existir elementos idênticos adjacentes) também merece ser incluído na hierarquia para mostrar que ela é dominada por ONSET. Em casos de ambissilabidade observados nos português atualmente falado no Brasil (Rio de Janeiro), a dominação dessa restrição fica bastante evidente ($b[o^{w.w}a]$, cf. Couto sobre ambissilabidade).

O restritor WTS (peso ao acento: toda sílaba acentuada deve ser pesada), da mesma forma que ONSET, também milita em favor da ambissilabidade, já que impede que sílabas monomoraicas portem acento. E HARMONY (elementos da rima devem apresentar o mesmo traço) mostra a sua atuação quando a vogal a ser inserida por epêntese não pode ser qualquer uma, mas aquela que tenha o mesmo traço do elemento vocálico que a antecede. É importante ressaltar que tais restrições foram levantadas não apenas para dar conta da hierarquia atual, mas também para, posteriormente, permitir o estabelecimento da hierarquia da primeira fase de formação da língua, a fim de que seja feita uma comparação entre as duas hierarquias propostas.

O conflito entre forma subjacente e forma de superfície ainda nos remete à seguinte questão: que estrutura deve ser posta no input da análise aqui proposta, o hiato ou a forma ditongada? Para resolver a questão, usaremos o *Princípio de Riqueza do Input* que, de acordo com Collischonn & Schwindt (2003, p. 35), consiste na “... ausência de proibição a determinados segmentos ou a determinadas propriedades prosódicas no input.” Segundo esse princípio, a riqueza do Input é a liberdade de colocação de material na forma subjacente, ou seja, uma vez que a diferenciação entre as línguas se dá pela hierarquização das restrições, que, por sua vez, são responsáveis pela seleção do material que chega à superfície, o que serve de representação subjacente para os outputs não importa tanto. Usaremos também o Princípio de Otimização do Léxico,

que sugere o máximo de identidade possível entre inputs e outputs para que algumas discrepâncias sejam evitadas. Porém, resolvemos tal questão na próxima seção, que tratará da mudança e da variação na perspectiva da OT, bem como da escolha dos inputs nesses casos.

4 Variação e Mudança na OT

A variação e a mudança são temas ainda pouco abordados pelos pesquisadores da OT, porém, ainda que poucos, já existem trabalhos que mostram que uma teoria baseada em restrições tem se mostrado bastante competente e econômica para a análise dos temas, como é o caso, por exemplo, dos trabalhos desenvolvidos por Zubrinskaya (1994), Anttila (1995), Jacobs (1994, 1995), Hutton (1996), Holt (1997) e Adam (2002). Com base nesses textos, a presente seção também abordará a variação e a mudança na teoria, assumindo que alguns hiatos da língua foram desfeitos por epêntese e que, antes de a mudança ocorrer, os mesmos passaram por um momento intermediário de variação. Assim, tentaremos responder às seguintes questões: (a) como a OT trata a variação? (b) e a mudança? (c) que estratégias são usadas para que ocorra um re-ranqueamento? (d) É necessário mudar o input no momento em que a mudança se consolida?

O tratamento da variação pela OT

Para o tratamento de variação pela OT, há algumas propostas de análise que serão sintetizadas nesta seção e paralelamente apresentaremos nossa proposta de análise. A primeira proposta é a de Zubrinskaya (1994). Segundo a autora, famílias inteiras de restrições interagem no caminho da mudança, que é gradual. Na sua concepção, a mudança do som se dá devido a uma reestruturação da hierarquia de restrições. Em outras palavras, até que ocorra a mudança, a hierarquia passa por alguns estágios que têm como resultado um estágio intermediário de variação.

Zubrinskaya analisa o caso de assimilação de perda de palatalização em consoantes no russo moderno. Ela defende que a restrição MAXIMIZE LICENSING (restrição a favor da articulação secundária) domina toda a família de restrição que proíbe a articulação secundária. Um outro ponto importante, também levantado pela autora, é o de direcionalidade da mudança. Segundo Zubrinskaya, a mudança apresenta várias direcionalidades e a que envolve o movimento do marcado para o não-marcado é apenas uma delas.

É importante ressaltar que David Eric Holt (1997), em sua dissertação, aplica a proposta de Zubrinskaya em sua pesquisa sobre mudança na estrutura silábica do latim para o português e para o espa-

nhol. Holt propõe que, no caso da degeminação de obstruintes em final de sílaba, seja por queda ou por simplificação, a restrição $*C_{\mu}$ (consoantes não podem ser moraicas) domina toda a família Fidelidade ($*C_{\mu} \gg$ FIDELIDADE), ou seja, uma restrição de marcação estaria dominando todas as restrições de fidelidade.

Resumindo a proposta apresentada, a variação consiste em uma coexistência de rankings parciais¹ com restrições “móveis” que ainda não estabilizaram sua posição na hierarquia e que, por isso, permitem que candidatos diferentes, porém igualmente ótimos, cheguem à superfície. Já a mudança consiste na fixação do lugar de tais restrições na hierarquia, o que faz com que determinado candidato vença o concorrente que antes chegava juntamente com ele à superfície. Assim, a mudança, na verdade, consiste em um re-ranqueamento. Quanto à interação de restrições, a autora trabalha com a proposta de que uma única restrição pode interagir com uma família inteira de restrições.

Com base nessa proposta, defendo que, no caso dos hiatos, a mudança ocorreu gradativamente e que, até a mudança se estabelecer, houve um estágio (ou vários) intermediário(s) de variação. Ainda defendo que na primeira fase de formação da língua, a restrição DEP-IO domina todas as restrições de marcação, o que mostra que nesse momento era muito mais importante ser fiel ao input que trazer à superfície uma forma não-marcada.

Anttila (1995), assim como Zubristskaya, acredita e defende que, enquanto não há um ranking total, vários rankings parciais coexistem para resultar em uma gramática específica. Assim, para o autor, a variação também consiste na competição de rankings nos quais algumas restrições ainda não apresentam seus lugares fixados no ranking. Porém, Anttila tece ainda outras considerações que merecem destaque: (a) a existência de outputs categóricos e variáveis e (b) harmonia de propriedades.

Segundo o autor, tanto os outputs categóricos como os variáveis são resultado de uma preferência por determinada forma. Quanto à harmonia de propriedades presentes nos outputs, se o sistema produz uma forma muito harmônica, não há variação e se o sistema produz várias formas harmônicas, há variação.

O tratamento da mudança histórica na OT

Segundo Hutton (1996), a hierarquia é um estado de equilíbrio, o que permite a ocorrência de um re-ranqueamento, desde que esse

¹ Estou assumindo que a gramática consiste em um ranking total e não em um conjunto de rankings parciais e por isso trabalho com a idéia de competição entre rankings e não entre gramáticas.

tenha como meta a busca desse equilíbrio. O re-ranqueamento é visto não como o gatilho que direciona ou dá origem à mudança histórica, mas como a instalação do resultado da mesma. O autor ainda sugere que a hierarquia pode ser alterada de acordo com os fatores internos, isto é, com base nas condições presentes no output.

Sobre a escolha da forma subjacente, é defendido que, ao ocorrer a mudança, é necessário que se altere também o input. É importante ressaltar que, durante o processo de variação, é possível que algumas formas prematuras sejam postas na forma subjacente, uma vez que, se o input é escolhido com base no que chega à superfície, uma superfície ainda em processo de mudança pode ser tomada como parâmetro e resultar na escolha equivocada do input.

Outro ponto bastante importante da proposta é o que diz respeito aos mecanismos relacionados à mudança na hierarquia. São esses os mecanismos:

(a) Promoção de restrições

A promoção de restrições ocorre quando uma ou mais restrições que ocupavam um lugar mais baixo na hierarquia passam a ocupar um lugar mais privilegiado;

(b) Democção de restrições

A democção de restrições ocorre quando uma ou mais restrições passam a não mais apresentar papel decisivo para o futuro dos candidatos que estão competindo e, por isso mesmo, deixam de ser relevantes na hierarquia, sendo retiradas da mesma. As restrições geralmente são demovidas com base na condição fonética do output (o que também serve de base para os demais mecanismos);

(c) Criação de conexão entre restrições

Esse mecanismo ocorre quando duas ou mais restrições que antes não estavam hierarquizadas passam a apresentar uma relação de dominância. Para exemplificar o mecanismo, apresentamos abaixo dois tableaux nos quais há quatro restrições atuando em uma determinada língua hipotética. A restrição A domina as restrições B, C e D; as restrições B e C dominam D, porém não há uma relação de dominância entre B e C:

TABLEAU 1

INPUT	A	B	C	D
Candidato 1	*	*		*!
☞ Candidato 2	*		*	

Já no segundo tableau, estabelece-se uma conexão, uma relação de dominância entre as restrições B e C, e com isso ocorre o re-ranqueamento:

TABLEAU 2

INPUT	A	B	C	D
☞ Candidato 1	*	*!		*
Candidato 2	*		*	

(d) Dissolução da conexão entre restrições

Este mecanismo é o inverso do mecanismo anterior. Nesse caso, restrições que antes estavam hierarquizadas passam a não apresentar mais uma relação de dominância. Usando a língua hipotetizada, anteriormente apresentada, a ordem dos tableaux se inverte:

TABLEAU 3

INPUT	A	B	C	D
☞ Candidato 1	*	*!		*
Candidato 2	*		*	

TABLEAU 4

INPUT	A	B	C	D
Candidato 1	*	*		*!
☞ Candidato 2	*		*	

Se antes as restrições B e C se hierarquizaram, agora elas passam a ocupar o mesmo lugar na hierarquia, o que ocasiona, da mesma forma, um re-ranqueamento;

(e) Alteração de dominância entre duas restrições

Neste caso, uma restrição que antes era dominada por outra agora muda de lugar no ranking e passa a dominá-la. Para exemplificar tal mecanismo, usarei uma língua hipotética com três restrições: A, B e C. Em um primeiro momento, A domina B e C e B dominam C:

TABLEAU 5

INPUT	A	B	C
Candidato 1	*	*!	
☞ Candidato 2	*		*

Já em um segundo momento, C passa a dominar B e ocorre o re-ranqueamento (que altera o resultado):

TABLEAU 6

INPUT	A	C	B
☞ Candidato 1	*		*
Candidato 2	*	*!	

Com base na proposta de Hutton (1996), sugiro que, no decorrer do tempo, houve um re-ranqueamento de restrições no caso do desfazimento dos hiatos por epêntese que teve como objetivo alcançar o equilíbrio na língua, fazendo com que a estrutura silábica CV, estrutura não-marcada na língua, chegasse à superfície, como já ocorria de uma forma geral no português.

Como gatilho do re-ranqueamento, proponho a promoção de ONSET (já mencionada na seção anterior), o que não deixa de consistir em uma alteração de dominância entre essa restrição e DEP-IO. É importante ressaltar que no momento em que o restritor ONSET é promovido, DEP-IO é despromovido. Dessa forma, a promoção de ONSET implica, ao mesmo tempo, em uma alternância de dominância e despromoção de DEP-IO.

Hoje, a mudança já está consolidada, ou seja, o desfazimento do hiato por epêntese já se consagrou na língua, mas antes dessa estabilidade sincrônica o fenômeno estudado passou por momentos em que rankings coexistiam e mais de uma forma chegava à superfície. Para demonstrar minha proposta, usando as restrições já definidas e explicadas anteriormente (ONSET, DEP-IO, WTS, OCP, HARMONY), apresentarei três momentos de evolução para os encontros estudados. Para o primeiro momento, proponho a existência de uma hierarquia estabilizada na qual DEP-IO domina as demais restrições (DEP-IO >> MARCAÇÃO), o que se baseia na proposta de Zubristskaya (dominância de uma restrição sobre uma família inteira de restrições). Para o segundo momento (momento intermediário), proponho a coexistência de diferentes rankings (variação) e para o terceiro momento proponho

a estabilização da mudança, concretizada com a promoção de ONSET, pivô da mudança, na hierarquia. Assim, teremos, para o primeiro momento (primeira fase de formação da língua):

TABLEAU 7

INPUT	DEPI-IO	ONSET	WTS	OCP	HARMONY
Candidato 1	*!				
☞ Candidato 2		*	*	*	*

Nesse primeiro momento, o candidato ótimo era aquele que mais se mostrava fiel ao input, mesmo que isso lhe custasse a violação das demais restrições da hierarquia. Na segunda fase, temos a seguinte situação:

TABLEAU 8

INPUT	DEPI-IO	ONSET	WTS	OCP	HARMONY
Candidato 1	*!				
☞ Candidato 2		*	*	*	*

TABLEAU 9

INPUT	ONSET	DEPI-O	WTS	OCP	HARMONY
☞ Candidato 1		*			
Candidato 2	*!		*	*	*

Entre o primeiro momento de formação da língua e o momento no qual a mudança se concretiza, a língua passou por um estágio no qual coexistiam duas hierarquias parciais que faziam com que dois candidatos chegassem à superfície: um que respeitava fidelidade e outro que militava em favor do não marcado (estrutura silábica CV), isto é, no momento de variação, ONSET e DEP-IO estavam não ranqueadas. O estágio final foi de consolidação da mudança, como se vê no tableau em (10):

TABLEAU 10

INPUT	ONSET	DEPI-IO	WTS	OCP	HARMONY
☞ Candidato 1		*			
Candidato 2	*!		*	*	*

No momento em que a mudança ocorre de fato, ONSET deixa de se alternar com DEP-IO e assume o lugar mais alto da hierarquia. Nesse estágio, MARCAÇÃO domina definitivamente FIDELIDADE e, com isso, passam a chegar à superfície os candidatos que apresentam a estrutura não-marcada CV.

Resta ainda, nesta seção, esclarecer a escolha do input no processo de mudança. Galit Adam (2002), em sua tese de doutoramento, sugere que o input usado na fase anterior ao início do processo de mudança seja mantido na fase intermediária de variação, tendo como base para tal sugestão o Princípio de Riqueza do Input, que permite que sejam postas na forma subjacente estruturas que podem estar ausentes na forma de superfície. Porém, o autor propõe que, a partir do momento em que a mudança se instaura, passa a ser necessário que se altere o input com base no Princípio de Otimização do Léxico, que postula a maior semelhança possível entre forma subjacente e forma de superfície, ou seja, já que a escolha do input está baseada no output ótimo, é pertinente trocar o input para que esse se aproxime ainda mais do candidato vencedor, evitando, dessa forma, discrepâncias.

Com base na proposta de Adam, suponho que o input do primeiro momento de formação da língua seja o mesmo do período intermediário, uma vez que a forma subjacente não influencia o resultado gerado pela ação da hierarquia de restrições. Para o momento em que a mudança se concretiza, proponho que se altere o input em alguns casos e se mantenha em outros. Sugiro que o input seja alterado nos casos de verbos em que o glide se mantém tanto na primeira pessoa do singular, na qual o acento não recai no segundo elemento, a marca morfológica verbal, e também na primeira pessoa do plural, mesmo com o acento recaindo no segundo elemento do encontro vocálico (ce[io], ce[ia]mos). Faço tal proposta porque se o hiato não se mantém nem mesmo no contexto em que o acento recai no segundo elemento do encontro, é evidente que o glide já estava presente na forma subjacente. É importante observar que verbos como 'frear' e 'cear' têm em comum também o fato de apresentarem apenas duas sílabas na sua forma infinitiva.

Já nos casos de verbos e nomes que mantêm o hiato quando o segundo elemento é tônico, sugiro que o input seja mantido. Geralmente, de acordo com a análise de alguns dados recolhidos e já analisados², os verbos que mantêm a forma de hiato na primeira pessoa do

² Os dados atuais foram recolhidos através da leitura de textos que continham as estruturas que desejávamos analisar. Parte dos dados já foi analisada, porém ainda falta a análise do restante do material recolhido para que se quantifiquem os resultados. Quanto aos dados históricos, estão sendo analisados alguns documentos como Testamento de Afonso II, Cantiga da Ribeirinha, e Notícia de Torto, por exemplo.

plural são aqueles que apresentam mais de duas sílabas como, por exemplo, parafrasear (parafras[eio], paráfras[ea]mos). Nesse caso, com base na Riqueza do Input, propomos a manutenção da estrutura silábica V.V. Transformando a proposta feita em tableaux, temos, para o primeiro momento de formação da língua:

TABLEAU 11

//CV.V/	DEP-IO	ONSET	WTS	OCP	HARMONY
☞ ['CV.V]		*			
['CVG ₁ .G ₁ V]	*!		*		

Como se pode perceber, nesse momento o hiato se encontra no input e chega à superfície, respeitando, assim, a sua fidelidade ao input. Isso ocorre mesmo quando o segundo elemento não é acentuado. No estágio intermediário, tem-se a seguinte situação variável em que G₁.G₁ representa um mesmo glide em duas posições na estrutura da sílaba (elemento ambissilábico):

TABLEAU 12

//CV.V/	DEP-IO	ONSET	WTS	OCP	HARMONY
☞ ['CV.V]		*	*		
['CVG ₁ .G ₁ V]	*!			*	

TABLEAU 13

//CV.V/	ONSET	DEP-IO	WTS	OCP	HARMONY
['CV.V]	*!		*		
☞ ['CVG ₁ .G ₁ V]		*	*	*	

No momento em que ocorre a variação, independentemente da estrutura apresentada no input, tanto a estrutura de hiato (V.V) como a estrutura CV chegam à superfície e, para não alterar o input várias vezes em um mesmo momento (economia de análise), o Princípio de Riqueza do Input nos permite colocar a estrutura V.V na forma subjacente, o que não altera em nada o resultado. Já no momento em que a mudança se consolida, tem-se a seguinte situação:

TABLEAU 14

/CV/	ONSET	DEP-IO	WTS	OCP	HARMONY
☞1 ^a p.p [‘CV G ₁ . G ₁ V]		*		*	
1 ^a p.p. [‘CV.V]	*!		*		

TABLEAU 15

/V.V/	ONSET	DEP-IO	WTS	OCP	HARMONY
1 ^a p.p [CV G ₁ . ‘G ₁ V]	*!		*		
☞1 ^a p.p [‘CV.V]					

No momento em que a mudança se instaura, como já mencionado, entendemos que há dois casos: um que permite e – até mesmo, pelo Princípio de Otimização do Léxico – solicita a alteração do input (tableau 14) e o caso que não reivindica tal alteração (tableau 15). É bom observar que, no tableau 15, o candidato escolhido como ótimo, apesar de não apresentar a epêntese, pode apresentar o alteamento do primeiro elemento vocálico como ocorre em parafras[‘sja]mos, por exemplo.

5 Análise dos dados: primeira fase de formação da língua

No tableau abaixo, o candidato (a) vence a disputa já no primeiro restritor, o que mostra a importância de FIDELIDADE na primeira fase de formação da língua, ou seja, o que chegava à superfície era exatamente o que estava presente na forma subjacente. Não era admitida nenhuma forma de inserção e, por isso, os demais candidatos já são barrados em DEP-IO.

TABLEAU 16

/pa. 'se.o/	DEP IO	ONSET	WTS	OCP	HARMONY
a- pa.[‘se.o] ☞		*	*		
b- pa.[‘sej.o]	*!	*			
c- pa.[‘sew.wo]	*!			*	*
d- pa.[‘se.jo]	*!		*		
e- pa.[‘sej.jo]	*!			*	

Nesse tableau, encontramos algumas evidências das sugestões feitas na seção anterior. A primeira delas é a que diz respeito à dominância de uma restrição (DEP-IO) sobre toda uma família de restrições (MARCAÇÃO). A segunda é que a estrutura de hiato (V.V) é mantida tanto no input como no output ótimo, graças ao Princípio de Otimização do Léxico.

Na primeira fase de formação da língua, não havia um esforço para trazer à superfície o não-marcado e, devido a isso, não havia maiores conflitos entre o que estava no nível subjacente e o que chegava à superfície, como se vê nos tableaux a seguir:

TABLEAU 17

/pa. 'se.o/	ONSET	DEP IO	WTS	OCP	HARMONY
a- pa.['se.o]	*!		*		
b- pa.['sej.o]	*!	*			
c- pa.['sew.wo]		*		*	*!
d- pa.['se.jo]		*	*!		
e- pa.['sej.jo] \Rightarrow		*		*	

TABLEAU 18

/pa. 'se.o/	DEP IO	ONSET	WTS	OCP	HARMONY
a- pa.['se.o] \Rightarrow		*	*		
b- pa.['sej.o]	*!	*			
c- pa.['sew.wo]	*!			*	*
d- pa.['se.jo]	*!		*		
e- pa.['sej.jo]	*!			*	

No tableau 17, ONSET começa o seu processo de promoção e temos também algumas outras restrições se mostrando ativas. O primeiro e o segundo candidato já são eliminados no primeiro restritor porque apresentam sílabas sem onset. O candidato (d) é eliminado porque apresenta a sílaba portadora de acento leve e com isso viola WTS. E, por fim, o candidato (c) é eliminado da disputa porque insere um elemento que apresenta o traço dorsal e não o coronal, violando assim HARMONY, que exige que os elementos da rima apresentem o mesmo traço. Assim, o candidato (d) é o vencedor.

Nesse segundo momento da história da língua, dois candidatos a output ótimo chegam à superfície, o que evidencia a coexistência de

duas hierarquias parciais, isto é, torna claro que há uma competição entre dois rankings. Como nesse caso temos outputs diferentes chegando à superfície, e até então a mudança não se encontra consolidada, o input com a estrutura de hiato foi mantido nas duas hierarquias, o que é licenciado pelo Princípio de Riqueza do Input. Na terceira e última fase focalizada, tem-se a seguinte situação:

TABLEAU 19

/pa. 'se.o/	ONSET	DEP IO	WTS	OCP	HARMONY
a- pa.['se.o]	*!		*		
b- pa.['sej.o]	*!	*			
c- pa.['sew.wo]		*		*	*!
d- pa.['se.jo]		*	*!		
e- pa.['sej.jo] [☞]		*		*	

Na fase em que a mudança se instaura, ONSET não mais alterna o seu lugar na hierarquia com o restritor DEP-IO e passa a assumir categoricamente o topo da hierarquia e, como já explicado no tableau 17, o candidato (e) ganha a disputa, sendo os demais concorrentes eliminados por cometerem violações mais graves.

No caso apresentado (verbo com mais de duas sílabas e que não apresenta a inserção de glide na 1ª p.p.), o input permanece apresentando a estrutura de hiato. Porém, no tableau 20, o mesmo não ocorre:

TABLEAU 20

/se.'ja.mos/	ONSET	DEP IO	WTS	OCP	HARMONY
a- [se.'a]mos	*!		*		
b- ['sej.'a]mos	*!	*	*		
c- [sew.'wa]mos		*	*	*	*!
d- [sew.'a]mos	*!	*			
e- [sej.'ja]mos [☞]		*	*	*	

O verbo **cear** apresenta a inserção do glide tanto na primeira pessoa do singular como na primeira do plural, ou seja, independentemente de onde recaia o acento, o glide é sempre inserido. No caso em que a inserção ocorre em todos os contextos, para que a identidade entre o input e output seja maximizada, propomos a presença do glide também na forma subjacente.

Comparando as hierarquias apresentadas, o que percebemos é exatamente o que está sendo apresentado como proposta: promoção de ONSET, o que comprova que, atualmente, FIDELIDADE passa a ser dominada por MARCAÇÃO; o input em alguns casos permanece o mesmo e em outros é alterado; a mudança histórica é gradativa e é precedida de um momento de variação no qual rankings competem até que se chegue a uma hierarquia definitiva.

Outra questão postulada na introdução que, agora, após a análise, torna-se passível de ser respondida, é a seguinte: é possível dar conta das indagações feitas por meio da Teoria da Otimalidade? A resposta é sim: a OT é apropriada para a análise proposta, uma vez que, tendo foco no output, consegue abordar de modo mais satisfatório os vários processos que têm em comum um mesmo alvo: o desfazimento do hiato, o que possibilita mostrar que a língua vem conspirando contra tal estrutura.

Sobre o termo conspiração, Galit Adam (2002) faz uma interessante ressalva: “The term *conspiracy* relates to instances in which a number of different rules *conspire* to the same phonological goal, although they do not seem to require exactly the same environment.” (2002:24)³. Essa resposta já visa à continuidade deste trabalho que estará voltada para os demais processos envolvidos no desfazimento dos hiatos.

6 Conclusão

Em suma, até o presente momento, os resultados alcançados foram os seguintes: a) nos momentos finais do séc. XII e início do séc. XIII os hiatos eram produtivos e chegavam à superfície; b) com o passar do tempo, forças passaram a entrar em conflito para que tal estrutura não chegasse à superfície e, com isso, a hierarquia começa a passar por mudanças, ganhando ONSET um lugar mais privilegiado no ranking, o que também revela a mudança de FIDELIDADE>>MARCAÇÃO para MARCAÇÃO>>FIDELIDADE; c) antes que a mudança se consolidasse, a língua passou por um período de variação, ou seja, mais de um candidato ótimo chegava à superfície; d) em alguns casos, o input deve ser mantido e em outros a alteração da forma subjacente se faz necessária; e) os processos heterogêneos que conspiravam contra o hiato em uma segunda fase de formação da língua portuguesa são os mesmos que atuam agora, ou seja, os mesmos processos heterogêneos atuam visando ao mesmo objetivo: a emergência da estrutura silábica CV; f) a

³ Tradução: “O termo *conspiração* refere-se a intâncias às quais um número de regras diferentes *conspiram* para o mesmo objetivo fonológico, apesar de não requererem exatamente o mesmo ambiente.”

manutenção dos hiatos parece se dar apenas em contexto tônico desde que a segunda vogal seja uma vogal alta e porte o acento. g) além de ONSET e de DEP-IO, outros restritores também têm se mostrado atuantes, principalmente no *ranking* atual, como OCP, WTS e HARMONY.

Referências

- ADAM, Galit. *From variable to Optimal Grammar: evidence from language Acquisition and language change*. 2002, April. Thesis submitted for the degree of Doctor of Philosophy⁷.
- ANTTILA, Arto. *Deriving variation from grammar: A study of Finnish genitives*. Ms. Stanford University and Rutgers Optimality Archive. 1995.
- BARROS, João. *Gramática da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Ed. Fac-similar, Fundação Biblioteca Nacional, 1539 [cartinha].
- BISOL, Leda. *Introdução a estudos de Fonologia do Português brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUS, 2001.
- CARVALHO, Dolores Garcia; Nascimento, Manoel. *Gramática histórica*. São Paulo: Ática, 1970.
- CLEMENTS, G. N. Internal organization of speech sounds. In: GOLDSMITH, J. *The handbook of phonological theory*. Oxford: Blackwell, 1995.
- COSTA, João. *Gramática, conflito e violações. Introdução à Teoria da Optimidade*. Caminho, 2001.
- COUTINHO, Ismael de Lima. *Gramática histórica*. Rio de Janeiro: Editora ao Livro Técnico, 1976.
- COUTO, Hildo Honório do. Ditongo crescente e ambissilabidade em português. *Letras de Hoje*, v. 29, n. 4, dez. 1994.
- CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- DAMULAKIS, Gean Nunes. *Fenômenos variáveis so uma óptica formal*. 2005. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- HOLT, David Eric. *The role of the listener in the historical phonology of spanish and portuguese: an optimality-theoretic account*. 1997. Dissertation. Washington.
- GNANADESIKAN, Amalia. *Phonology with ternary scales*. 1997. Doctoral dissertation. University of Massachusetts. Amherst.
- GONÇALVES, Carlos Alexandre. *Relações de identidade em modelos paralelistas: morfologia e fonologia*. DELTA, 2005.
- GONÇALVES, Maria Filomena. *Madureira Feijó/ Ortografista do Século XVIII /Para uma História da Ortografia Portuguesa*. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa. Portugal, 1992.
- HOLT, D. Eric. *The role of comprehension, reinterpretation and the Uniformity Condition in historical change: The case of the development of CI clusters from Latin to Hispano-Romance*. Paper presented at the Western Conference on Linguistics (WECOL), University of California. Santa Cruz: October 25-27, 1996.

- HUBERT, Joseph. *Altportugiesisches Elementarbuch*. Heidelberg: 1933.
- HUTTON, John. *Optimality Theory and historical language change*. Paper presented at the 4th Phonology Workshop, Manchester, England. May, 1996.
- JACOBS, Haike. *Lenition and Optimality Theory*. Proceedings of the 24th Linguistic Symposium Romance Languages. University of Southern California and University of California. Los Angeles, 1994.
- JACOBS, Haike. *Optimality Theory and sound change*. Proceedings of the 25th Northeast Linguistic Society Meeting. Los Angeles, 1995.
- LADEFOGED, Peter. *A course in phonetics*. San Diego: Harcourt BraceJovanovitch, 1993.
- LADEFOGED, Peter; MADDIESON, Ian. *The sounds of the world's languages*. Oxford and CambridgeBlackwell, 1996.
- OLIVEIRA, Alexandra Mouzinho de. *Inserção e apagamento de [w] em posição de coda: uma análise pela geometria de traços*. 2006. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- SILVA, Rosa Virgínia Mattos e. *O português arcaico: fonologia*. São Paulo: Contexto, 2001.
- TRASK, R. L. *A dictionary of phonetics and phonology*. London and New York: Routledge, 1996.
- VERDELHO, Telmo. *As origens da gramaticografia e da lexicografia latino-portuguesa*. Aveiro: Instituto Nacional de Investigação Científica, 1995.
- VILLALVA, A. *Estruturas lexicais do português*. Coimbra: Almedina, 2000.
- ZUBRITSKAYA, Katya. *Markedness and sound change in OT*. Paper presented at the 25th meeting of the Northeast Linguistic Society. University of Pennsylvania. Pennsylvania, October 14-16, 1994.